

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
IARTE - INSTITUTO DE ARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

MARIANA NUNES CURCINO

**PERIPÉCIAS HUMANAS NA NATUREZA:
ENTRE FOTOGRAFIA E DENÚNCIA**

UBERLÂNDIA – MG
2023

MARIANA NUNES CURCINO

**PERIPÉCIAS HUMANAS NA NATUREZA:
ENTRE FOTOGRAFIA E DENÚNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharelado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarissa Monteiro Borges.

MARIANA NUNES CURCINO

**PERIPÉCIAS HUMANAS NA NATUREZA:
ENTRE FOTOGRAFIA E DENÚNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharelado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarissa Monteiro Borges.

Uberlândia, 01 de fevereiro de 2023.

Prof.^a Dr.^a Clarissa Monteiro Borges, UFU/MG

Prof. Dr. Paulo Matos Angerami, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Patrícia Pereira Borges, UFU/MG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo privilégio de poder me formar em uma Universidade de excelente nível, como a Universidade Federal de Uberlândia. Aos meus pais Aparecida e Antônio eu agradeço por todo amor e carinho, pela educação que me deram e valores que me ensinaram desde sempre, me tornando uma mulher melhor a cada dia. Sou grata a todo o suporte e força, por nunca me deixarem desistir, principalmente nesses últimos anos, que foram difíceis para mim. Agradeço também ao meu irmão Antônio William, que está sempre comigo, me apoiando em todos os momentos. E ao meu filho de quatro patas, meu cachorro Buddie, que torna meus dias melhores e me enche de amor.

À minha orientadora e professora Clarissa Borges por ter aceitado o convite para me orientar, e me auxiliar da melhor forma possível na elaboração deste trabalho, estimulando com boas ideias e críticas positivas, sempre muito paciente e empática. Agradeço de todo o meu coração!

Aos professores que aceitaram fazer parte da banca de avaliação deste trabalho.

A todos os meus amigos que sempre me apoiam e estão ao meu lado, principalmente as minhas amigas Jéssica, Kauanny e Kelly, que conheci no curso e levarei sempre no meu coração e na minha vida! Agradeço pelo companheirismo, pelas ajudas acadêmicas, pelo suporte emocional e pela amizade que construímos.

Ao corpo docente do curso de Artes Visuais, ao IARTE e à Universidade Federal de Uberlândia, meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que buscou investigar como a fotografia pode ser um meio de denunciar maus tratos à natureza. Para isso, o projeto realizou um levantamento de notícias, textos, artigos e obras que se relacionam com o tema. Durante o desenvolvimento deste trabalho, procurei lugares que deveriam estar preservados, mas que estavam poluídos e desmatados e registrei em fotos, como forma de denúncia as agressões humanas à natureza. Ao final, apresento o resultado de uma produção de um livro de artista com nove fotos, realizadas em Uberlândia e Iraí de Minas, municípios de Minas Gerais.

Palavras – chave: arte e natureza; fotografia; livro de artista.

ABSTRACT

This work is the result of research that sought to investigate how photography can be a means of denouncing mistreatment of nature. For this, the project carried out a survey of news and works that relate to the theme. During the development of this work, I looked for places that should be preserved, but that were polluted and deforested and I recorded them in photos, as a way of denouncing human aggressions to nature. At the end, I present the result of a production of an artist book with nine photos, taken in Uberlândia and Iraí de Minas, municipalities of Minas Gerais.

Keywords: art and nature; photography; artist book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mariana Nunes, Fotos preto e branco para a aula de Fotografia, 2016. Fonte: acervo pessoal.	12
Figura 2 – Mariana Nunes, Fotos coloridas para a disciplina de fotografia, 2016. Fonte: Acervo pessoal	13
Figura 3 – Mariana Nunes, Fotos para aula de Composição e Cor, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.	13
Figura 4 – Mariana Nunes, Carimbos em linóleo para a aula de Xilogravura, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.	14
Figura 5 – Mariana Nunes, Texto para aula de Ateliê de Xilogravura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.	14
Figura 6 – Mariana Nunes, Placa em linóleo e gravura para o Ateliê de Xilogravura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.	15
Figura 7 – Mariana Nunes, Pintura com tinta acrílica sobre tela para a aula de Pintura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.	15
Figura 8 – Mariana Nunes, Pintura feita com encáustica sobre madeira para a aula de Pintura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.	16
Figura 9 – Mariana Nunes, Gravura em metal, impressa com tinta vermelha em pano (foto 1) e papel 150g (fotos 2 e 3), para a aula de Gravura em Metal, 2017.. Fonte: Acervo Pessoal.	16
Figura 10 – Mariana Nunes, Gravura em Metal impressa com tinta preta, em papel 150g, para a aula de Gravura em Metal, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.	17
Figura 11 – Mariana Nunes, Gravura em Metal impressa com tinta preta, em papel 150g, para a aula de Gravura em Metal, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.	17
Figura 12 – Mariana Nunes, Foto e vídeo feitos para a aula de Corpo, Arte e Vida, 2020. Fonte: Instagram da disciplina.	18
Figura 13 - Rodrigo Bueno, "TOUT CONFORT", Série Mobília Tomada, 2017. Escultura, técnica: cadeira modelo Louis XVI em madeira esculpida dourada e forrada com tela de petit point brotando musgos, suculentas e bromeliáceas. Dimensões: 95 x 51 x 60 cm. Fonte: https://www.carbonogaleria.com.br/artistas/rodrigo-bueno/tout-confort-da-serie-mobilia-tomada-prod.html .	20
Figura 14 – Rodrigo Bueno, “Ateliê Mata Adentro”, 2017. Fonte: https://galeriamariliarazuk.com.br/artistas/rodrigo-bueno .	21
Figura 15 - Andy Goldsworthy, Screen (tela) , 1998. Aquatint impresso em cores. 17.5 x 17.5 cm. (6.9 x 6.9”). Fonte: https://www.artnet.com/artists/andy-goldsworthy/screen-nmre3r9mr44D-3tY7qZAGQ2 .	22
Figura 16 - Andy Goldsworthy, Começou a escalar, 1987. Impressão cromogênica. 50x50cm. (19,7 x 19,7”). Fonte: https://www.artnet.com/artists/andy-goldsworthy/started-climbing-71YwMiFQcHRzsCa2gDsl8A2 .	22
Figura 17 - Priscila Rampin, Imagens do Projeto Acessos à Natureza, 2017. Fonte: http://www.priscilarampin.com.br/acessos-agrave-natureza.html .	23
Figura 18 - Priscila Rampin, Imagens do Projeto Acessos à Natureza, 2017. Fonte: http://www.priscilarampin.com.br/acessos-agrave-natureza.html .	23

Figura 19 - Priscila Rampin, Acessos à Natureza. Editora Fantasma, 2017. 30 p.; il. col. 14,5 x 21 cm. Risografia, tiragem 500 ex. Design gráfico: Marina Marchesan. Fonte: http://www.priscilarampin.com.br/acessos-agrave-natureza.html	24
Figura 20 - Priscila Rampin, "Paisagens do lixo", 2011-2016. Fotos do projeto. Fonte: http://www.priscilarampin.com.br/paisagens-do-lixo.html .	24
Figura 21 - Priscila Rampin, "Paisagens do lixo", 2011-2016. Fotos do projeto. Fonte: http://www.priscilarampin.com.br/paisagens-do-lixo.html .	25
Figura 22 - Frans Krajcberg, Abstração (Tronco), 1975. Madeira lavada, 210,00 cm x 115,00 cm.	26
Figura 23 - Frans Krajcberg, Após Queimada, 1994. Madeira com pigmentos naturais, 470,00 cm x 125,00 cm.	26
Figura 24 - Frans Krajcberg. Queimada (Amazônia), 1996. Matriz-negativo.	27
Figura 25 - Frans Krajcberg, Folha. Ecoline sobre papel, 2003, 63 x 48 cm.	27
Figura 26 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	31
Figura 27 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	32
Figura 28 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	33
Figura 29 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	34
Figura 30 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	35
Figura 31 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	36
Figura 32 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	37
Figura 33 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022	38
Figura 34 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.	39
Figura 35 - Teste do livro impresso a laser, em formato sanfonado. Fonte: Acervo pessoal.	43
Figura 36 - Teste do livro impresso a laser, em formato sanfonado. Fonte: Acervo pessoal	43
Figura 37 - Testes de foto impressos a laser, nas escalas CMYK e RGB respectivamente. Fonte: Acervo pessoal.	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. HISTÓRICO DE MEUS TRABALHOS ACADÊMICOS SOBRE A NATUREZA	11
2. ARTE E PRESERVAÇÃO	19
2.1. Artistas e obras	19
3. PROCESSO CRIATIVO PERIPÉCIAS HUMANAS NA NATUREZA	29
3.1. O Processo	29
3.2. A série fotográfica “Peripécias Humanas na Natureza e a publicação do livro de artista	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa utiliza a fotografia e o livro de artista para abordar as agressões humanas à natureza e os desdobramentos negativos que isso pode causar para o bem estar da vida no planeta. Dentro desse assunto há muito a ser discutido, mas aqui busco mostrar e denunciar como isso acontece em Uberlândia e em Iraí de Minas. O resultado é um trabalho artístico, situado na área de fotografia, que foi impresso em formato de livro de artista e com pretensões de desdobramentos futuros.

O propósito que me conduziu a realizar esta pesquisa foi instigar a reflexão das pessoas acerca da natureza e preservação, principalmente aquela próxima a cidade e que faz parte do cotidiano urbano. Com tantos outros problemas atuais, sejam políticos, ou sociais, entre outras dificuldades individuais, esta questão não ganha a devida atenção e na maioria das vezes as pessoas nem se dão conta do prejuízo que podem causar para as próprias vidas e mais ainda para as gerações futuras.

A fotografia é um dos meios de comunicação mais usados hoje em dia pela mídia, tendo entre suas funções: informar fatos ocorridos, registrar momentos e transmitir mensagens, auxiliando os textos de jornais impressos e eletrônicos. Mas, a fotografia é também uma linguagem bastante comum hoje nas artes visuais. Desta forma, o intuito deste trabalho é utilizar a fotografia para transmitir a mensagem e a conscientização de que se não preservarmos a natureza, a vida de todos os seres serão impactadas de forma drástica, pois dependemos diretamente do equilíbrio no meio ambiente.

Ao desenvolver o texto, eu dividi o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, apresento os trabalhos acadêmicos que desenvolvi ao longo do curso de Artes Visuais, que se relacionam de alguma forma com o tema deste trabalho. No segundo, contextualizo sobre a relação entre as artes visuais e a importância da preservação da natureza, levantando questões importantes para a preservação e apresentando trabalhos de artistas ativistas do meio ambiente. E por fim, apresento a produção final, o livro “Peripécias Humanas na Natureza”.

1. HISTÓRICO DE MEUS TRABALHOS ACADÊMICOS SOBRE A NATUREZA

Meu interesse sobre o tema “natureza” é antigo e bastante pessoal. Cresci brincando no quintal da casa dos meus avós, e amava estar lá. Minha avó cultivava várias plantas e flores, como erva cidreira, que usávamos para fazer chá todas as manhãs, um pé de mexerica, uma parreira de uva e muitas flores, como orquídeas e azaleias. Como sempre fui muito ligada à minha avó, fui me afeiçoando e aprendendo a gostar das mesmas coisas que ela gostava. E dentre essas coisas estavam as plantas e a natureza de forma geral. Talvez por este motivo eu sempre me senti em paz em meio à natureza. Desde pequena fui ensinada e sempre tentei fazer minha parte para preservá-la nas pequenas atitudes.

Durante todo o ensino fundamental e médio, meus trabalhos eram relacionados à natureza e suas formas e cores. Quando entrei no Curso de Artes Visuais mantive meu interesse. Em todos os meus trabalhos, procuro temas que me chamam a atenção e que me tocam de alguma forma e na maioria das vezes, é sobre as formas e imagens de elementos naturais que dedico meus estudos.

Em muitos de meus trabalhos acadêmicos usei a natureza como tema e inspiração. As primeiras imagens que trago foram realizadas na disciplina de fotografia com o professor Paulo Angerami. Foi o primeiro trabalho prático, no meu primeiro semestre do curso, com uso de uma câmera analógica e filme preto e branco. As fotos foram reveladas por mim no laboratório de fotografia da UFU.

Nestas imagens registro as flores e arbustos que encontrei nos fundos do bloco 3E. Neste local existe uma praça, onde também havia uma lanchonete e era frequentada por vários alunos das artes (Figura 1).



Figura 1 – Mariana Nunes, Fotos preto e branco para a aula de Fotografia, 2016.
Fonte: acervo pessoal.

As flores me chamaram atenção, eram coloridas e estavam todas abertas. Então, achei que seria interessante registrá-las no preto e branco, como experiência para ver como ficaria o resultado das fotos. Revelei e ampliei as imagens no laboratório preto e branco do Curso, e foram as minhas fotografias preferidas do projeto.

Depois do exercício em preto e branco continuei a explorar as possibilidades das imagens coloridas. Voltei para o mesmo lugar em que tirei as fotos preto e branco e decidi fazer uma experiência parecida, só que dessa vez com filme colorido na mesma câmera analógica.



Figura 2 – Mariana Nunes, Fotos coloridas para a disciplina de fotografia, 2016.
Fonte: Acervo pessoal.

Essas fotos também foram tiradas no meu primeiro semestre de curso, para a disciplina de fotografia, mas foram reveladas em laboratório comercial.

Já as imagens a seguir foram realizadas para a disciplina de composição e cor, no primeiro semestre do ano de 2017 (meu terceiro período do curso), com o professor Rodrigo. Essas são apenas algumas das fotos tiradas, com o intuito de comparar e estudar as cores das coisas e no meu caso, escolhi estudar a cor das flores. Montei o cenário branco e utilizei câmera digital para realizar este ensaio fotográfico.

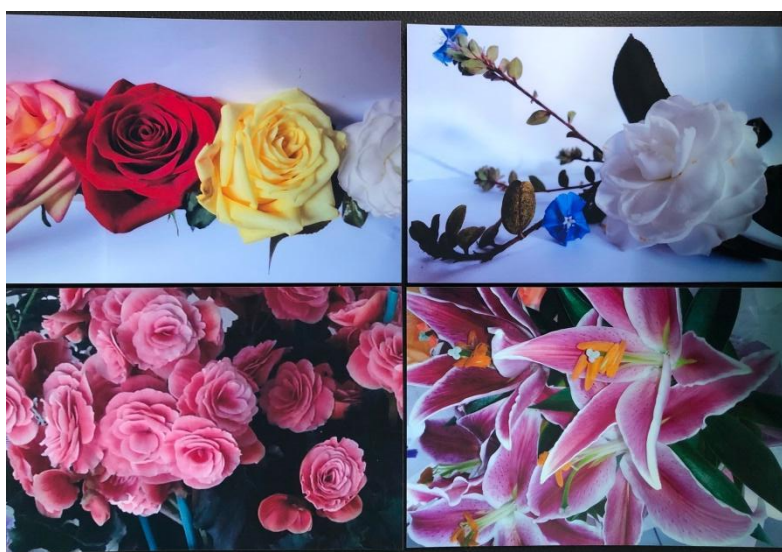


Figura 3 – Mariana Nunes, Fotos para aula de Composição e Cor, 2017.
Fonte: Acervo Pessoal.

No mesmo período eu também cursava a disciplina de xilogravura, como um exercício fiz os carimbos de linóleo abaixo, usando goivas.



Figura 4 – Mariana Nunes, Carimbos em linóleo para a aula de Xilogravura, 2017.
Fonte: Acervo Pessoal.

Já para a disciplina de ateliê de xilogravura, com o Professor Carlos (Mineirão) no segundo semestre de 2018, fizemos um livro coletivo, com obras de todos os alunos matriculados na disciplina. Na edição final do livro foi anexado um texto com as experiências pessoais dos alunos, como pode ser visto abaixo, e algumas imagens do resultado final com a xilogravura.

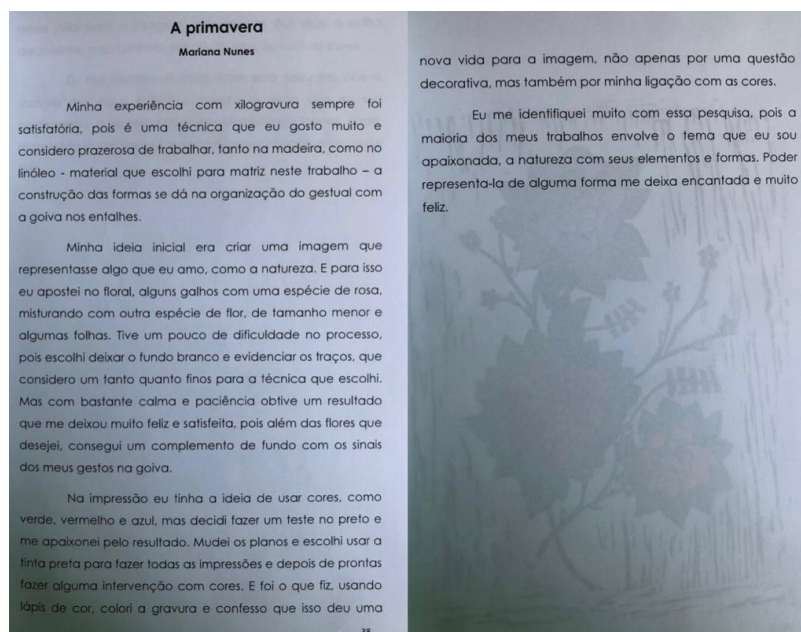


Figura 5 – Mariana Nunes, Texto para aula de Ateliê de Xilogravura, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal.

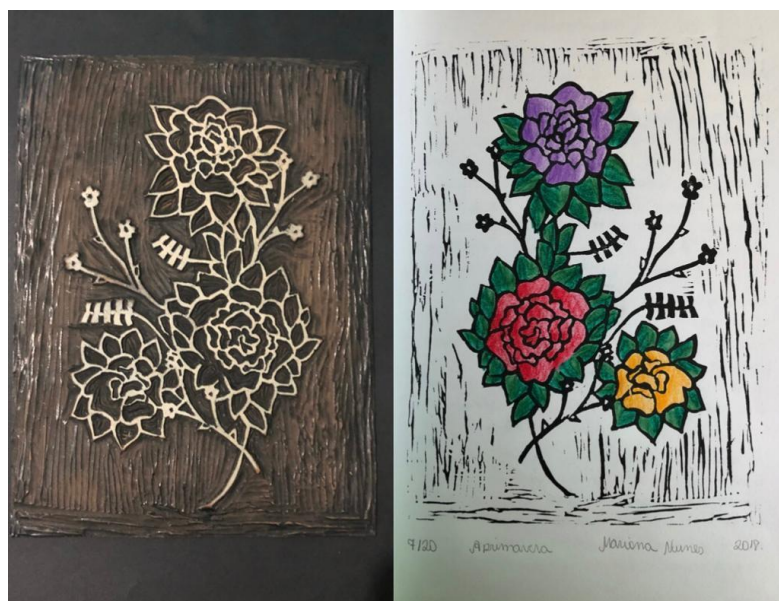


Figura 6 – Mariana Nunes, Placa em linóleo e gravura para o Ateliê de Xilogravura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.

Para fazer esta imagem final com três flores usei uma placa de linóleo, goivas, tinta para impressão em laboratório e lápis de cor. O desenho foi criado por mim, de acordo com minhas preferências e afinidades.

Ainda em 2018 trabalhei também com flores na disciplina de Pintura com a Professora Aninha. A proposta da disciplina era realizar um auto retrato, o resultado pode ser visto a seguir.



Figura 7 – Mariana Nunes, Pintura com tinta acrílica sobre tela para a aula de Pintura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 8 – Mariana Nunes, Pintura feita com encáustica sobre madeira para a aula de Pintura, 2018. Fonte: Acervo Pessoal.

Este trabalho foi feito também para a aula de pintura, no segundo semestre de 2018. A proposta era livre e para fazer a encáustica utilizei parafina e giz de cera colorido, derretidos.

Também experimentei levar meus desenhos de natureza para a Gravura em metal em 2017, apesar de não ter muita afinidade com a técnica foi importante explorar esta possibilidade.



Figura 9 – Mariana Nunes, Gravura em metal, impressa com tinta vermelha em pano (foto1) e papel 150g (fotos 2 e 3), para a aula de Gravura em Metal, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.

Usei tinta, lápis de cor, glitter, cola, entre outras coisas.



Figura 10 – Mariana Nunes, Gravura em Metal impressa com tinta preta, em papel 150g, para a aula de Gravura em Metal, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.

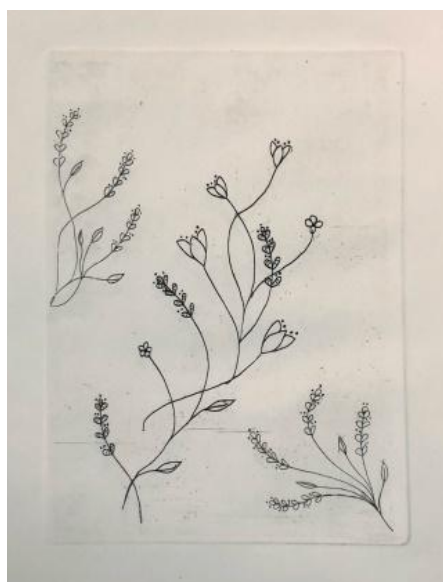


Figura 11 – Mariana Nunes, Gravura em Metal impressa com tinta preta, em papel 150g, para a aula de Gravura em Metal, 2017. Fonte: Acervo Pessoal.

O projeto abaixo foi um dos que mais gostei de realizar, pois envolve dois temas que sempre me identifiquei, a arte digital e a natureza. Usei uma foto de acervo pessoal, tirada para a disciplina de ateliê de fotografia e em cima dela produzi um vídeo com som e movimento, numa experiência sensorial.

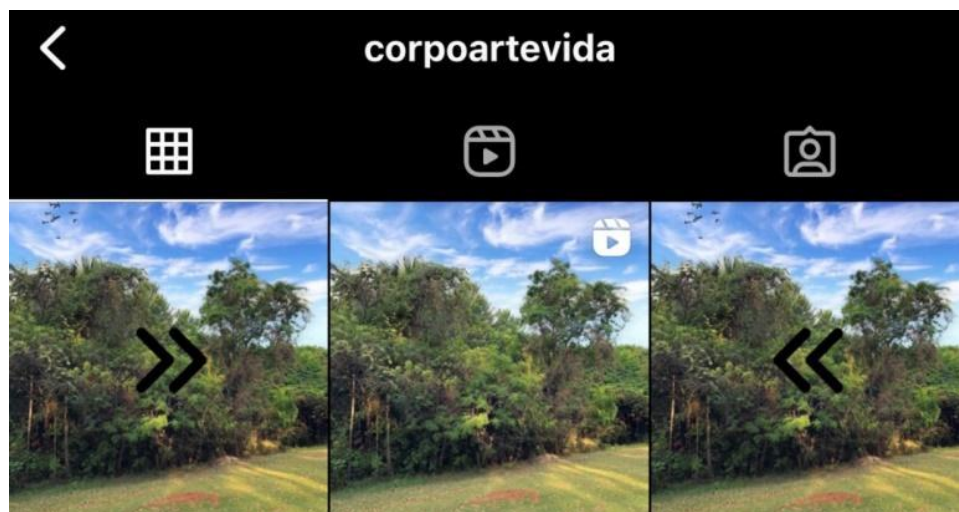


Figura 12 – Mariana Nunes, Foto e vídeo feitos para a aula de Corpo, Arte e Vida, 2020. Fonte: Instagram da disciplina.

Com base em todos os meus trabalhos ao longo do curso, desenvolvi um projeto que segue o mesmo tema, mas com um propósito diferente e creio que mais importante também. Nos próximos capítulos abordo sobre a importância da Arte e da Preservação da Natureza.

2. ARTE E PRESERVAÇÃO

Como minha pesquisa é focada em natureza, meio ambiente, preservação e conscientização, na busca por artistas e referências, encontrei um artigo de Maria Amélia Bulhões (2010) que fala, sobre propostas ecológicas de web arte:

Um primeiro nível de abordagem das questões ecológicas na web arte dá-se pela via da conquista de adesões pela conscientização dos usuários em relação a temas polêmicos dessa área. Os artistas mobilizam recursos técnicos e estéticos para envolver internautas com questões referentes ao meio ambiente. Mesmo que o resultado seja uma adesão transitória ou momentânea, que dura o tempo de uma visita ao site do trabalho, a esperança é que essa ideia vá mais adiante. (BULHÕES, 2010, p. 51)

Um segundo nível de atuação em termos de abordagens ecológicas pode ser identificado na postura dos trabalhos de web arte que utilizam esse meio essencialmente comunicacional e de ampla divulgação para denunciar ações e comportamentos humanos que atentam contra o equilíbrio das relações entre os seres vivos na Terra. (BULHÕES, 2010, p.52)

Apesar do meu trabalho não ser focado em web art, essa também é uma linguagem artística, que serve como denúncia, para que os usuários se conscientizem. Esses dois níveis citados acima, estão próximos às propostas que pretendo desenvolver no meu trabalho prático. Além disso, podemos observar alguns artistas e obras que também dialogam com o tema do meu trabalho.

2.1. Artistas e obras

Buscando trabalhos artísticos que se relacionam e dialogam com o tema escolhido, encontrei vários artistas e obras que buscam evidenciar a importância da natureza na vida dos seres vivos.

Rodrigo Bueno é um artista, nascido em 1967 na cidade de Campinas, São Paulo e fez graduação em Comunicação Social. Segundo site do artista:

Na década de 90 foi para Nova Iorque fazer um mestrado em Artes Visuais na School of Visual Arts. Antes de acabar o mestrado em Nova Iorque, passou uma temporada na Índia e se mudou para São Francisco, retomou os estudos e iniciou um mestrado em Arte e Consciência na JFK University. Os estudos direcionados ao universo holístico, de autoconhecimento, o coloca na descoberta da arte como cura, como fundamento de matriz crítica e afirmação identitária. Neste percurso, Rodrigo desperta em si a valorização pela sua história, pelo seu país, pelo seu povo, e

especialmente, às pontes que unem a humanidade como parte da natureza. Em sua bagagem familiar o artista revive costumes e aprendizados, do passado e presente e reflete a espontaneidade da poesia, a canalização de conceitos sobre a subjetividade da matéria que vai além do nosso uso comum, onde tudo é comprado, consumido e jogado fora. (BUENO, s/d)

O artista ao retornar ao Brasil em 2000 criou o Ateliê Mata Adentro. É um galpão no bairro paulistano da Lapa, onde ele articula diversos processos criativos que recuperam resíduos da cidade os transformando em ambientes, encontros, pinturas e jardins. Além do próprio artista Rodrigo coordenar a criação de espaços dinâmicos verdes, fundamentados na recuperação de materiais, encontro, cultivo, ritual e celebração.



Figura 13 - Rodrigo Bueno, "TOUT CONFORT", Série Mobília Tomada, 2017. Escultura, técnica: cadeira modelo Louis XVI em madeira esculpida dourada e forrada com tela de petit point brotando musgos, suculentas e bromeliáceas. Dimensões: 95 x 51 x 60 cm. Fonte: <https://www.carbonogaleria.com.br/artistas/rodrigo-bueno/tout-confort-da-serie-mobilia-tomada-prod.html>.



Figura 14 – Rodrigo Bueno, “Ateliê Mata Adentro”, 2017.
Fonte: <https://galeriamariliarazuk.com.br/artistas/rodrigo-bueno>.

As duas obras acima dialogam diretamente com o objetivo do meu trabalho, pelo fato de a natureza estar tomando de volta o lugar que lhe foi tirado pelo ser humano e pelos objetos criados por ele. São esculturas que Rodrigo faz utilizando móveis antigos e várias plantas e flores. É como se a natureza estivesse voltando pro seu devido lugar, mesmo por cima dos objetos que lá foram colocados. Isso traz a reflexão de que cada um tem seu espaço e que não devemos invadir e destruir o espaço da natureza, como vemos em vários casos de casas e chãos de cimento serem invadidos pelas raízes das grandes árvores que sempre estiveram ali.

Outro artista que também usa a natureza como base de suas obras é Andrew Goldsworthy, que é um artista ambientalista e renomado escultor britânico, nascido em 1956, na cidade de Cheshire, Reino Unido. Ele é conhecido por suas instalações envolvendo materiais naturais e a passagem do tempo e por trabalhar em condições meteorológicas desfavoráveis. O artista espera a neve, a chuva e as mudanças climáticas sazonais para assim manipular a percepção do rústico e intocável da natureza. Assim ele cria obras a partir de rochas, gelo, folhas ou galhos, ciente de que a paisagem mudará, e documenta estas composições efêmeras com a natureza por meio da fotografia.

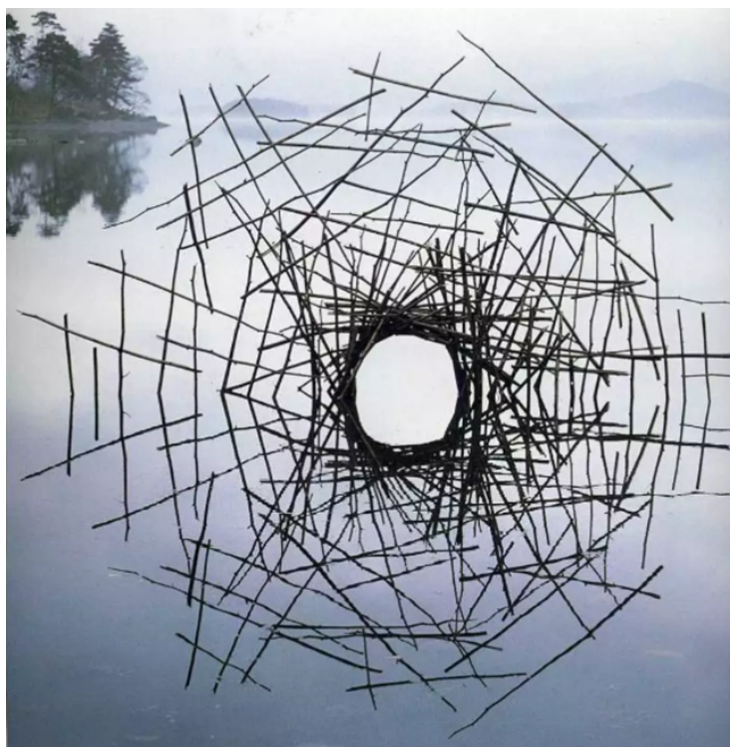


Figura 15 - Andy Goldsworthy, Screen (tela) , 1998. Aquatint impresso em cores.
17.5 x 17.5 cm. (6.9 x 6.9”).

Fonte: <https://www.artnet.com/artists/andy-goldsworthy/screen-nmre3r9mr44D-3tY7qZAGQ2>.



Figura 16 - Andy Goldsworthy, Começou a escalar, 1987. Impressão cromogênica.
50x50cm. (19,7 x 19,7”). Fonte:

<https://www.artnet.com/artists/andy-goldsworthy/started-climbing-71YwMiFQcHRzsCa2gDsl8A2>

As obras desse artista remetem a preservação da natureza e a sua constante mudança de acordo com as estações do ano e condições

climatológicas. Elas têm a natureza como matéria principal e total da obra e como objetivo, sendo o intuito observar as reações da natureza em diversos tipos de clima em determinada região.

Outra artista que seus trabalhos se aproximam ainda mais do meu trabalho e do meu tema é a Priscila Rampin, Artista Visual, também formada pela Universidade Federal de Uberlândia em 2012 e pesquisadora em Artes.

Priscila produziu o projeto *Acessos à Natureza* (2017) de fotografias, desenhos e publicações de artistas em parceria com os artistas Andresa Boel, Beatriz Rauscher, e Nikoleta Kerinska, convidando também Marisa Barboza e Gastão Frota. O projeto envolveu expedições a algumas reservas ambientais do bioma do cerrado localizadas em Uberlândia e posteriormente, os desenhos, fotografias e registros gerados pelas artistas conformaram exposições e uma publicação.



Figura 17 - Priscila Rampin, Imagens do Projeto *Acessos à Natureza*, 2017.
Fonte: <http://www.priscilarampin.com.br/acessos-agrave-natureza.html>.



Figura 18 - Priscila Rampin, Imagens do Projeto *Acessos à Natureza*, 2017.
Fonte: <http://www.priscilarampin.com.br/acessos-agrave-natureza.html>.



Figura 19 - Priscila Rampin, *Acessos à Natureza*. Editora Fantasma, 2017. 30 p.; il. col. 14,5 x 21 cm. Risografia, tiragem 500 ex. Design gráfico: Marina Marchesan. Fonte: <http://www.priscilarampin.com.br/aceessos-agrave-natureza.html>.

Outro trabalho de Priscila com tema e propósito semelhantes ao meu é o "Paisagens do lixo" (2011 - 2016). A proposta era de uma ação artística que registra áreas urbanas de despejo inadequado de lixo e transforma as impressões em formato de cartão postal, que posteriormente foi enviado ou distribuído gratuitamente. Em uma esquina descuidada, às margens do córrego Liso, em Uberlândia, havia uma placa com indicação de um projeto de recuperação e preservação de nascentes urbanas, que despertou o interesse da artista por descobrir tais fontes de água urbana. Durante meses, ela catalogou e percorreu os córregos uberlandenses e encontrou uma paisagem urbana tomada pelo descaso, pelo despejo inadequado de lixo urbano, onde práticas sociais se dão em função dele.



Figura 20 - Priscila Rampin, "Paisagens do lixo", 2011-2016. Fotos do projeto. Fonte: <http://www.priscilarampin.com.br/paisagens-do-lixo.html>.



Figura 21 - Priscila Rampin, “Paisagens do lixo”, 2011-2016. Fotos do projeto.
Fonte: <http://www.priscilarampin.com.br/paisagens-do-lixo.html>.

De todos os trabalhos citados, o “Paisagens do lixo” é o mais semelhante ao meu, pois ela também utiliza da fotografia para fazer uma denúncia dos maus tratos humanos à natureza e o descaso dos órgãos públicos com áreas de preservação, neste caso dentro da cidade. E ainda contém a grande sacada de usar a ironia e mostrar esse descaso como se fosse um ponto alto da cidade, distribuindo os cartões postais.

Outro artista que tem grande relevância no mundo das artes e da ecologia é Frans Krajcberg (1921-2017), um engenheiro e artista de várias faces. Ele foi um pintor, escultor, fotógrafo e gravador polones, nascido em 1921 na cidade de Koziencice e que posteriormente se naturalizou brasileiro, se tornando de grande importância no panorama da arte brasileira. Foi autor de obras que exploram os elementos da natureza e destaca-se pelo ativismo ecológico, que associa arte e preservação do meio ambiente. O artista produz esculturas em que a matéria-prima é o próprio elemento e aproveita o formato e as movimentações naturais deles, como madeiras, raízes, folhas, pigmentos, entre outros.

A minha preocupação é penetrar mais na natureza. Há artistas que se aproximam da máquina; eu quero a natureza, quero dominar a natureza. Criar com a natureza, assim como outros estão querendo criar com a mecânica. Não procuro a paisagem, mas o material. Não copio a natureza. (KRAJBERG apud MATOS, 2022)

Essa busca pelo material e pela exaltação das formas que ele encontrava pode ser vista em várias esculturas como na imagem abaixo.



Figura 22 - Frans Krajcberg, Abstração (Tronco), 1975. Madeira lavada, 210,00 cm x 115,00 cm.

Frans Krajcberg foi um artista que gerou reflexões e diálogos com seus protestos em forma de arte. As ideias defendidas por suas obras foram e continuam sendo importantes e necessárias em nossa sociedade. Na figura a seguir percebemos pelo título do trabalho “Após queimada”, ele mostra a realidade do elemento pós fogo, em que o tronco da árvore perde a vida e a cor natural, sendo carbonizada e parando assim de exercer sua principal função, que é a produção de oxigênio.



Figura 23 - Frans Krajcberg, Após Queimada, 1994. Madeira com pigmentos naturais, 470,00 cm x 125,00 cm.

Krajcberg, exalta em suas obras a exuberância e a diversidade ambiental e também denuncia as agressões humanas ao meio ambiente. Como podemos ver neste trabalho de 1996, o artista usa a fotografia para registrar esse momento e denunciar as queimadas que ocorreram na Amazônia neste ano. Este trabalho é um dos que mais se assemelha ao meu, pois tivemos o mesmo intuito e usamos a mesma ferramenta, a fotografia.



Figura 24 - Frans Krajcberg. Queimada (Amazônia), 1996. Matriz-negativo.



Figura 25 - Frans Krajcberg, Folha. Ecoline sobre papel, 2003, 63 x 48 cm.

Esta obra me recorda os meus primeiros trabalhos no curso, pois sempre gostei de desenhar e pintar folhas e flores com cores fortes e vivas, que representam a natureza em seu perfeito estado.

A luta de Krajcberg era em prol do meio ambiente e seu ativismo revolucionário mostrava sua indignação contra as agressões e o descaso de nossa biodiversidade.

Tendo em vista todos esses artistas citados acima, e também vários outros que não foram citados aqui, mas que também lutam a favor da preservação da natureza e do meio ambiente, a mensagem que eles passam é a de que precisamos interromper esse ciclo de destruição e impedir que esses crimes contra a natureza e a própria humanidade continuem. Meu trabalho segue essa mesma linha de raciocínio e meu objetivo é exatamente o mesmo de Frans Krajcberg e Priscila Rampin, que mostram claramente o problema e gera a reflexão acerca dele, para que os espectadores possam se sensibilizar e repensar suas atitudes em prol do mundo e de todos os seres vivos.

3. PROCESSO CRIATIVO PERIPÉCIAS HUMANAS NA NATUREZA

O livro “Peripécias Humanas na Natureza” é um livro fotográfico, que foi produzido em cinco unidades, com nove fotografias cada. As fotos foram realizadas nos municípios de Uberlândia e Iraí de Minas e o livro foi impresso a laser, em papel couché 170g e 250g (capa). Além das pesquisas teóricas que relato aqui, também falo sobre o processo de criação, desde as fotos, até a impressão.

Como proposta artística, pretendia realizar fotos que trouxessem uma reflexão sobre os maus tratos que nós seres humanos da atualidade causamos à natureza, na grande maioria das vezes sem medir as consequências que isso pode nos causar. A escolha da linguagem fotográfica está ligada à minha proximidade com este tipo de produção de imagem e ao meu gosto pessoal por fotografia, que sempre foi a área que mais me identifiquei dentro das Artes Visuais. Com a fotografia pude direcionar meu olhar, tentando captar imagens de lugares que me tocaram de alguma forma.

A partir do estudo e análise dos trabalhos desenvolvidos ao longo do meu curso, e das obras artísticas apresentadas nos capítulos anteriores, é possível estabelecer conexões entre os conteúdos e a produção artística. As notícias e matérias de jornais televisionados referentes ao tema foram base tanto para o desenvolvimento das primeiras fotos, quanto para o resultado final da obra. Esses elementos em conjunto foram a base para o processo de criação e consequentemente o resultado final do livro.

3.1. O Processo

Desde sempre tive em mente que meu trabalho de conclusão de curso teria o tema relacionado à natureza, como já dito nos capítulos anteriores. Eu queria algo que fizesse as pessoas refletirem sobre a questão do meio ambiente e que isso pudesse contribuir com a conscientização de que se não cuidarmos desde já do nosso planeta, a vida na Terra será diretamente prejudicada.

Com o tema decidido, comecei a arquitetar o formato do projeto. Sabia que seria através da fotografia, que iria passar a mensagem do trabalho, mas não queria fazer algo muito clichê e ao mesmo tempo, queria algo mais particular, que me tocasse e que fizesse algum sentido para mim.

Foi então que eu decidi fotografar a natureza na paisagem urbana, o mais próximo possível da preservação. Em outubro de 2019 fui ao Parque Sabiá na cidade de Uberlândia para começar meu projeto e tirei várias fotos, em vários lugares e ângulos diferentes. Observei e capturei locais diferentes, como uma mata mais fechada, rio e árvores. Foram cerca de 15 fotos, neste primeiro ensaio, mas nem todas foram usadas.

A ideia consistiu em pegar as fotos da natureza, como era no princípio, antes de todas as intervenções humanas e colocar em frente da natureza poluída, fazendo uma comparação e gerando uma forma de denúncia aos maus tratos humanos à natureza. Ainda não tinha em mente, neste momento, como realizaria a exposição desse trabalho, mas foi algo que deixei pra decidir mais pra frente, ao decorrer da pesquisa e depois de realizar mais fotos.

Após selecionar e imprimir algumas imagens, passei a andar com elas em todos os lugares que eu ia. O próximo passo seria sair em busca de lugares e paisagens que haviam sido poluídos e destruídos por descuidos humanos.

Minha primeira parada foi no caminho de uma viagem, que fiz com a minha família de carro, para o rancho da minha tia, na cidade de Iraí de Minas, às margens da Represa de Nova Ponte. Próximo à estrada de terra avistamos um local que havia muito lixo. Aparentemente os moradores próximos fizeram um lixão a céu aberto em um lugar em meio à natureza, que não tem saneamento básico. Escolhi uma das fotos que mais daria certo com o local e registrei. Enquanto segurava o celular com uma mão, encaixei com a outra, o horizonte da foto, com o horizonte da paisagem, tentando sempre alinhar onde terminava o céu e começavam as árvores e os arbustos na sobreposição foto-paisagem. Gostei muito do resultado e tinha certeza que uma delas seria escolhida para fazer parte do trabalho na seleção das imagens para o projeto final.



Figura 26 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.

Já na segunda vez que fui fazer imagens para o ensaio da natureza não precisei ir muito longe, pois moro próximo a várias áreas de preservação e algumas fazendas na saída da zona leste da cidade. Foi em um desses lugares que tirei várias fotos, em outro entulho de lixo que havia por lá. Escolhi uma das fotos impressas anteriormente que mais se encaixava com o local e realizei as fotos.



Figura 27 - Mariana Nunes, Imagem da série: “Peripécias da Natureza”, 2022.

Depois fui novamente atrás de lugares na cidade de Uberlândia e próximos a cidade, que haviam sido poluídos, ou desmatados e fui até o Rio Uberabinha, que estava cheio de lixo e urubus em vários pontos. Escolhi uma foto que havia tirado no rio limpo do parque da cidade e fiz mais registros, usando as fotos do ensaio da natureza na frente dos lugares degradados.



Figura 28 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.

No mesmo esquema e ainda na busca por lugares com a natureza prejudicada, fui até um espaço próximo à minha casa, onde havia um esgoto a céu aberto em meio a um lugar que deveria ser preservado. Neste local fui duas vezes, pois da primeira vez o tempo estava bastante nublado e as fotos não ficaram nítidas. No final desse processo selecionei a melhor foto para usar no trabalho.



Figura 29 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.



Figura 30 - Mariana Nunes, Imagem da série: “Peripécias da Natureza”, 2022.

Ao caminhar pelas ruas próximas a minha casa encontrei outro local, com bastante acúmulo de lixo e fiz os registros, como de costume. Foi aí que eu percebi que a poluição estava mais perto do que eu imaginava e que sempre que procurava locais para registro, eu não precisava ir longe.



Figura 31 - Mariana Nunes, Imagem da série: “Peripécias da Natureza”, 2022.

Finalizei esse processo e selecionei as fotos que tinham ficado mais nítidas, com melhor iluminação e enquadramento. Selecionei 6, mas senti que precisava de mais, que o ensaio ainda não estava bom o suficiente. Então decidi fazer um novo ensaio, para obter novas imagens e impressões para serem usadas nas fotos finais. Tirei mais fotos da natureza preservada, em uma espécie de fazenda próxima à saída da cidade de Uberlândia, selecionei 6 e fiz as impressões como de costume.

Com as novas fotos em mãos, em uma manhã ensolarada, aproveitei a iluminação do dia e decidi procurar por novos lugares degradados perto de casa. Próximo à linha férrea encontrei uma área que havia sido queimada no dia anterior. Vizinhos disseram que viram um homem colocando fogo, mas no local não haviam câmeras para que pudéssemos denunciar. Peguei uma das novas fotos que mais se encaixavam com o local e registrei.



Figura 32 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.

Um pouco adiante, na própria linha férrea, havia vários sacos e sacolas de lixo descartados em local totalmente indevido, de difícil acesso, onde o pessoal que recolhe o lixo não conseguia chegar. Fotografei no mesmo esquema anterior e continuei andando por lá.

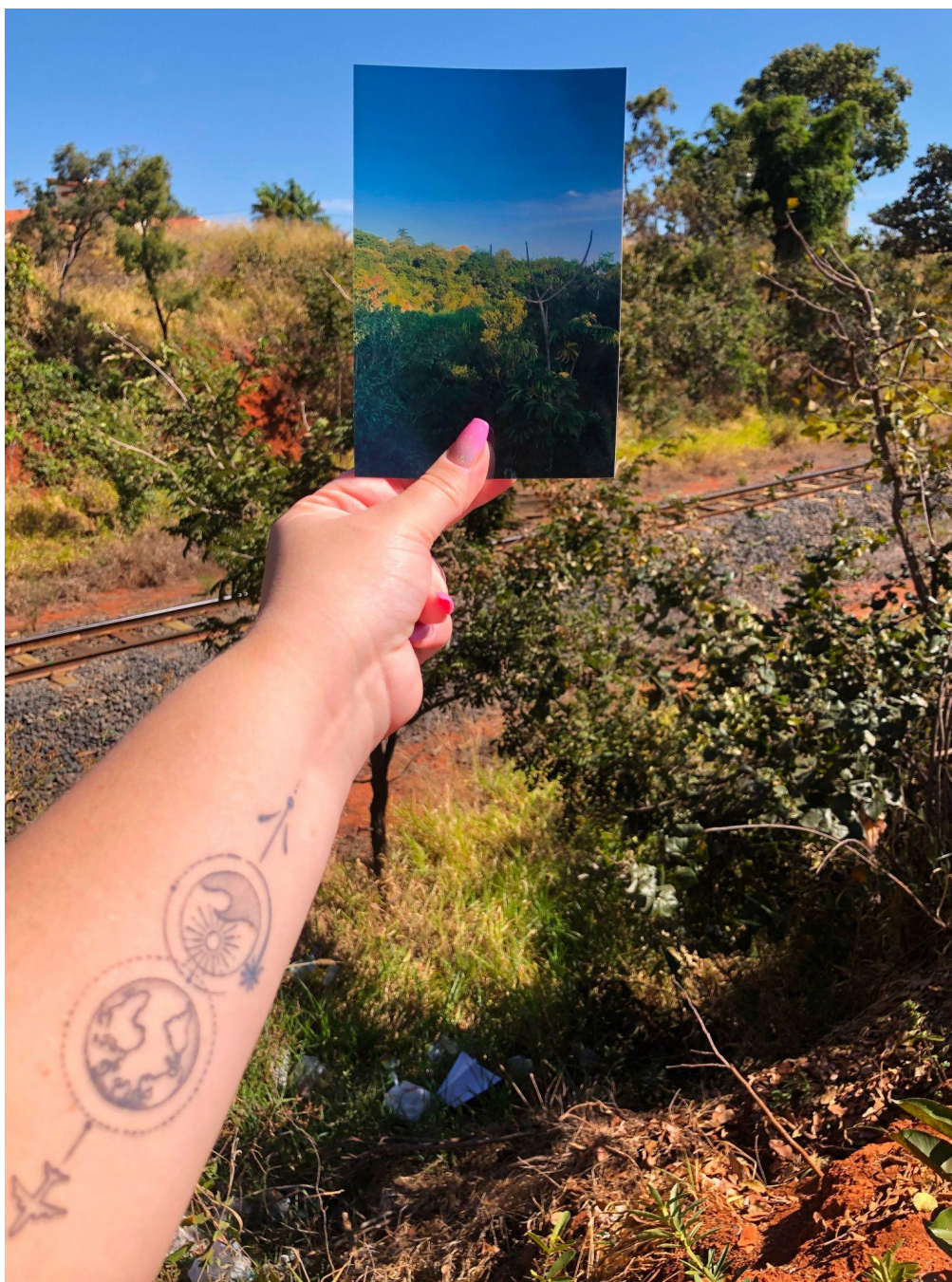


Figura 33 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.

Não precisei andar muito até achar mais lixo jogado na natureza. Várias latinhas e alguns potes foram descartados também indevidamente. Dessa vez, diferente de todas as outras, consegui fazer minha parte e recolher esse lixo para ser devidamente descartado.



Figura 34 - Mariana Nunes, Imagem da série: "Peripécias da Natureza", 2022.

Selecionei as melhores fotos dos últimos 3 locais e fiquei bem feliz com o resultado. Elas ficaram bem nítidas, era possível ver o lixo, ou as queimadas, e a foto na frente estava bem enquadrada e no foco. Juntei as melhores fotos anteriores com os novos registros e escolhi as 9 melhores para o trabalho final.

Após todo esse processo e várias reflexões sobre o assunto, percebi que as pessoas não escolhem lugar para poluir e maltratar a natureza, elas

fazem isso em todos os lugares, inclusive próximo de suas casas. Em reservas, dentro da cidade, nas estradas, nas florestas e em todos os outros lugares que não possuem órgãos públicos fiscalizando e multando as pessoas que fazem esse tipo de coisa. O que me restava era escolher o jeito que eu iria apresentar essa denúncia em forma de arte.

3.2. A série fotográfica “Peripécias Humanas na Natureza” e a publicação do livro de artista

Como dito no ítem anterior, Inicialmente escolhi a linguagem artística do trabalho, a fotografia, que dentre todas as outras, é a que eu mais me identifico. Depois pensei no modo como ia fazer as fotografias e decidi tirá-las em duas etapas. Primeiro fotografar o ambiente em seu estado natural, imprimir essas fotos e levá-las comigo, na minha pesquisa de campo, por ambientes poluídos e desmatados. Desta forma, eu poderia levar as fotografias com imagens da natureza bem cuidada até as áreas de poluição e sujeira. Esta relação fica evidente, quando a fotografia da natureza despoluída, for colocada na frente da imagem da natureza poluída, fazendo uma comparação, de como deveria ser e como realmente está.

Após a escolha do tema, da linguagem artística e a realização das imagens, a questão era decidir a forma com que esse trabalho seria apresentado. Pensei em várias coisas, desde o mais simples ao mais inusitado, como outdoors pela cidade ou uma exposição pela própria universidade. Mas dentre todas as maneiras que pensei, procurei algo que eu conseguisse representar de forma mais simples e particular.

Com base em um trabalho que havia feito na disciplina de xilogravura e conversas com a professora Clarissa, orientadora deste trabalho, decidi então fazer um livro de artista. Segundo a autora Letícia Lampert (2020) o livro de artista pode ser representado de várias formas: desde um livro de anotações (como os cadernos de Leonardo da Vinci, do século XV), cadernos de esboços (como os cadernos de viagem ao Marrocos, de Eugène Delacroix, do século XIX), diários de desabafos, até obras de arte para serem folheadas. Eles

conseguem alcançar uma amplitude de significados. São diversos os livros que podem ser considerados livros de artista, portanto, segundo LAMPERT (2020), podemos pensar como um livro objeto, um livro obra, onde toda idealização é do mesmo artista ou de artistas em parceria.

A partir da segunda metade do século XX, o livro de artista entrou para as Artes Visuais como um objeto ainda mais específico. Segundo LAMPERT, 2020, para o historiador de arte Stephen Bury (s.d), livros de artista são livros ou objetos em forma de livro sobre os quais, na aparência final, o artista tem um grande controle. Para o artista e professor John Baldessari, o livro de artista é uma forma de manter a arte acessível a todos. Em 1969, ele propôs que:

Ninguém mais olha para a arte. Obras de arte deveriam ser feitas diretamente para a reprodução em revistas de arte. Já que nós conhecemos as obras por suas reproduções, deveríamos trabalhar unicamente para a reprodução. Não mais arte mediada. (BALDESSARI apud SILVEIRA, ANO, p. 43-44).

Na década de 60 o também artista Sol LeWitt e a escritora e crítica de arte, Lucy Lippard se reuniram e criaram um espaço em Nova York dedicado inteiramente à produção e circulação de livros de artistas. Para Sol, era uma maneira de levar ideias e ser melhor compreendido por um maior número de pessoas.

Os artistas se apossam do livro como objeto de arte, transformando-o em uma obra em forma de livro. Um livro pode ser só mais um trabalho, a materialização de uma ideia, uma forma de existir e se expressar. A página impressa pode ser simplesmente o laboratório para botar as ideias em prática, um espaço de experimentação que abre possibilidades poéticas. Porém, é natural entender o livro como a consolidação de um projeto acabado, como o ponto final de uma longa jornada, quando o livro é proposto como obra esta relação pode ser completamente invertida. Tecnicamente o livro apresentado neste trabalho é o resultado de uma pesquisa de alguns anos, porém, neste caso, o livro pode ser também um ponto de partida de uma ação futura de preservação, por se tratar de uma espécie de denúncia.

O fotógrafo americano Alec Soth, quando questionado sobre o seu processo de produção e suas intenções ao fazer um livro, faz uma relação bem interessante com o processo de trabalho dos músicos:

Minha intenção é fazer um grande livro. Isto é o que quero fazer. E o que isso significa? Não tenho ideia do que é um grande livro. O que eu sei é que não existe fórmula. É como um grande álbum, talvez a banda tenha passado 3 anos no estúdio gravando, ou talvez tenha sido uma gravação em tomada única, ao vivo, durante um fim de semana. Sabendo que não existe fórmula, eu sei que preciso continuar me movimentando, então faço algo rápido, depois faço algo que leva anos, tentando coisas diferentes. Faço coisas onde trabalho sozinho, faço coisas de forma colaborativa. Às vezes não dá em nada mas, com sorte, a mágica acontece em algum momento. (SOTH, apud LAMPERT, 2020, p. 80-81).

Usando o livro como formato principal deste projeto e com as fotos selecionadas, comecei a pensar no formato físico do livro. Depois de algumas pesquisas decidi que seria feito no formato sanfonado. Entrei em contato com uma gráfica voltada para a impressão de projetos artísticos, que faria exatamente do tamanho que eu queria, porém o orçamento fugiu da minha realidade e tive que procurar outros lugares para fazer a impressão.

Fiz o orçamento do projeto em duas gráficas diferentes, de acordo com indicações e avaliações das mesmas. Nenhuma das duas fazia a impressão no formato e tamanho que eu queria. As impressões na máquina chegavam a 60cm e eu precisava do dobro disso, pois não queria imprimir na frente e no verso do papel e perder toda a configuração do livro. Além de que as duas gráficas não garantiam que as fotos saíam inteiras nas páginas, por não conseguirem controlar isso na impressora e por conta das dobraduras do formato sanfonado. Mesmo com tudo isso resolvi fazer um teste em uma das gráficas, para ver como ficaria. Como mostrado nas figuras abaixo:



Figura 35 - Teste do livro impresso a laser, em formato sanfonado.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 36 - Teste do livro impresso a laser, em formato sanfonado.
Fonte: Acervo pessoal.

Como esperado, as fotos não saíram como eu queria e o livro perdeu toda a formatação. Porém, uma das gráficas me sugeriu o formato revista 14x20cm para evitar os erros na impressão e diagramação. Formatei novamente o arquivo, na escala de cores CMYK, que era a indicada para impressão, com o novo tamanho e fiz a impressão teste. Ele foi impresso a laser e em papel couché. Quando peguei o livro gostei muito do resultado, ele ficou claro, num tamanho bom e somente com as informações necessárias. Algumas fotos com cores mais vivas ficaram com bastante contraste, por isso

decidi escolher uma dessas fotos e imprimir um teste nas escalas CMYK e RGB para fazer uma comparação.



Figura 37 - Testes de foto impressos a laser, nas escalas CMYK e RGB respectivamente. Fonte: Acervo pessoal.

Após os testes, percebi que a escala CMYK manteve as cores originais, deixando elas um pouco mais vivas, enquanto a escala RGB deixou as cores em um tom mais amarelado, o que eu não desejava. Sendo assim, decidi optar pela escala de cores CMYK e as impressões foram feitas. A série “Peripécias Humanas na Natureza” de 5 livros, com 9 fotos impressas a laser, em papel couché 250g e capa em papel couché 300g, finalmente estava pronta.

Tendo passado por todas as experiências e conseguindo no final um resultado satisfatório, cheguei à conclusão de que seja para atender conceitos do próprio trabalho, para manter vivo o processo criativo ou para garantir uma maior circulação e permanência de projetos de fôlego, os livros sempre terão múltiplas utilidades e funções e que foi a melhor opção para realizar o meu projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta pesquisa, levando em consideração as informações e realidades encontradas, é notório que ainda existem muitos maus tratos humanos à natureza e ao meio ambiente em geral e por isso é muito importante o uso de todas as ferramentas possíveis para a conscientização popular acerca do tema. E pensando nisso, percebo a importância do uso da arte neste tema.

Ao decidir desenvolver um livro de artista, também foi preciso estudar sobre o processo de criação dos mesmos, já que só havia trabalhado com esse formato uma única vez e informalmente. O estudo foi importante, não só para a produção final, mas também para enriquecer meu conhecimento e experiência prática neste formato que vem ganhando muito espaço na arte contemporânea.

Dada toda a importância deste tema, consigo chegar à conclusão de que os seres humanos sabem que dependem da natureza para manter a vida na Terra, mas não se importam tanto com a preservação imediata, pois os efeitos colaterais muitas vezes podem demorar a aparecer. Por isso, em minha experiência encontrei tantos exemplos de degradação bem próximos de casas e áreas residenciais. Devemos ter a consciência de que mesmo sendo providos de racionalidade não somos proprietários do restante dos seres vivos e de que se não cuidarmos da natureza e do meio ambiente hoje, futuramente deixaremos grandes problemas, ainda mais graves que os atuais, para nossos filhos, netos e próximas gerações. Portanto, cabe a nós utilizar o privilégio da racionalidade de forma responsável para ajudar a transformar o mundo em um lugar melhor para todos.

Em vista de costumes e tradições há uma acomodação, e paramos de refletir sobre o que pode ser prejudicial ou não. Falta apontar menos para o outro e olhar mais para si. Se cada um fizer a sua parte, podemos ter esperança de um futuro melhor.

O livro “Peripécias Humanas na Natureza” tem a intenção de gerar um incômodo e uma reflexão nos espectadores acerca do tema, mostrando a urgência da preservação e fazendo todos entenderem que o problema é aqui,

agora e que os efeitos de todo esse descaso podem chegar antes do que todos imaginam e prejudicar diretamente a vida de todos os seres vivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ArtNet: Andy Goldsworthy. Disponível em <https://www.artnet.com/artists/andy-goldsworthy/>. Acesso em: 04 de janeiro de 2023.

AUNT, Julie. Interview with Lucy R. Lippard, Printed Matter website. Dezembro, 2006. Disponível em: <https://www.printedmatter.org/catalog/tables/41>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

BAROBOSA, R. P; BARSANO, R. P. Meio ambiente: Guia prático e didático: 1 ed. São José dos Campos: Érica, 2013.

BUENO, Rodrigo. Ateliê Mata adentro. Disponível em: <https://mataadentro.com.br/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023.

BULHÕES, M.A; Propostas ecológicas na web arte. Revista Porto Arte: Porto Alegre: V 17. Nº 28. Páginas 47-57. Maio/2010.

DUTRA, L.F; Diálogo entre Arte e Ecologia através das obras de Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg. Revista Didática Sistemica: Rio Grande: V 12. Páginas 44-54. 2010.

FRANS KRAJCBERGracjberg, FRANS. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

Galeria Marilia Razuk. Disponível em: <https://galeriamariliarazuk.com.br/artistas/rodrigo-bueno>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

GRIGOLIN, Fernanda. Livro de fotografia como livro de artista. Experiências de artistas: aproximações entre a fotografia e o livro. Tradução de Natalia Salvo e Robinson Moreira – São José dos Campos: Publicações Iara, 2013.

KAHN, Fritz; *Livro da natureza: a imagem do universo à luz da ciência moderna, numa exposição acessível a todos*; São Paulo: Melhoramentos, 1965.

LANCMAN, S; A ecologia como foco da Arte: Beuys e Krajcberg. Revista Porto Arte: Porto Alegre. V 7. Nº 11. Páginas 69-85. Maio/1996.

LAMPERT, Letícia (2020) Afinal, livro por quê? Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.2, p.75-89, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57999>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

MATOS, Diego. FRANS KRAJCBERG. São Paulo: Revista DASARTES, 2022. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/frans-krajcberg/>. Acesso em: 12 de janeiro de 2023.

RAMPIN, Priscila. Site da artista. Disponível em: <http://www.priscilarampin.com.br/>. Acesso em: 05 de janeiro de 2023.

SATO, M; CARVALHO, I. Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios: 1 ed. São Paulo: Penso, 2005.

SILVEIRA, Paulo. Definições e indefinições do livro de artista. In: A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2pwn4/pdf/silveira-9788538603900-03.pdf>. Acesso em: 26 de dezembro de 2020.